
ANIMAL PARA

TODA OBRA:

FAUNA RITUAL

EM SAMBAQUIS*

DANIELA KLOKLER**

Resumo: *pesquisas sobre as práticas rituais dos povos sambaquieiros demonstraram avanços nos últimos 15 anos, desenvolvimento também sentido em estudos sobre concheiros em outros países. Mudanças nas perspectivas teóricas impactaram sobremaneira o entendimento das relações entre comunidades pescadoras-coletoras e o mundo animal. Atualmente não é mais possível considerar os depósitos faunísticos em sambaquis como resultantes de acumulações aleatórias de refugio, mas sim como correspondentes a deposições episódicas coordenadas e concomitantes a atividades rituais funerárias. Resultados sugerem papel importante de animais aquáticos nos rituais em festins funerários. Análises zooarqueológicas foram essenciais para gerar subsídios para estudos sobre comportamento ritual.*

Palavras-chave: *Sambaquis. Zooarqueologia Social. Ritual.*

A ocupação da costa brasileira por grupos de pescadores-caçadores-coletores deixou marcas indeléveis na paisagem costeira, transformando-a. Em alguns casos, principalmente no litoral sul do país, estruturas de conchas e ossos de peixes tornaram-se verdadeiros

* Recebido em: 23.05.2016. Aprovado em: 19.06.2016. Agradeço primeiramente às editoras da Revista *Habitus*, à Cristiana Barreto pelo convite para co-coordenar o simpósio “Arqueologia das Práticas Rituais” no XVIII Congresso da SAB, e a todos os participantes deste volume. A pesquisa contou com auxílio financeiro do CNPq (409428/2013-2) além do apoio das equipes de arqueólogos envolvidas nos estudos dos sítios citados.

** Doutora em Antropologia pela University of Arizona. Professora na Universidade Federal de Sergipe. Pesquisadora colaboradora do Museu Nacional-UFRJ e do Arizona State Museum-University of Arizona. E-mail: daniela.klokler@gmail.com

marcos monumentais atingindo mais de 10 metros de altura. Tais estruturas são testemunhos das relações entre populações pretéritas e animais, as quais incluíam mais esferas que a tradicionalmente estudada: a alimentar.

Por muitos anos o foco dos pesquisadores centrou-se nas práticas de subsistência de povos sambaquieiros. Apesar do interesse desde o século XIX nestas ocupações, a pesquisa no país pouco avançou entre as décadas de 1950 e 1990 (GASPAR, 2000; KLOKLER, 2001). As comunidades sambaquieiras eram então simplesmente descritas como pequenos grupos nômades com sua subsistência baseada na coleta de moluscos.

Uma primeira ruptura com esta narrativa ocorre quando estudos nos anos 90 mostram que pesca é a atividade mais importante para esses grupos e peixes, ao invés de moluscos, são as fontes primárias de alimentos e proteína (FIGUTI, 1993). A partir de então pesquisas com influência do Processualismo substituem os trabalhos com perspectiva mais voltada à Ecologia Cultural. É proposto que os grupos que os construíram estavam assentados em regiões ricas em recursos com acesso ao mar, lagunas, e florestas, permitindo a pesca, coleta, caça e uma forma incipiente de horticultura. Nesta perspectiva populações sambaquieiras são entendidas como de maior porte demográfico e com menor mobilidade. Adicionalmente argumenta-se que moluscos seriam principalmente usados como material construtivo, com episódios de deposição seguindo certas regras e não sendo acumulados de forma desordenada (AFONSO; DEBLASIS, 1994; FIGUTI; KLOKLER, 1996). É inaugurada uma nova forma de compreender recursos faunísticos admitindo sua importância para além de meros “fornecedores de calorias”.

A confirmação desta hipótese emerge durante as pesquisas nos sítios Espinheiros II e Jabuticabeira II, localizados no litoral de Santa Catarina (Figura 1). O último, um sítio funerário, modifica a maneira pela qual arqueólogos entendem os povos que ocuparam a costa do país (DEBLASIS *et al.*, 2007; FISH *et al.*, 2000). A partir de então estudos com foco em vestígios faunísticos trazem consigo reflexão sobre os possíveis usos rituais de recursos aquáticos como peixes e moluscos. Exponemos aqui a trajetória da construção deste novo modo de perceber as sociedades sambaquieiras em relação ao mundo animal e ritual.

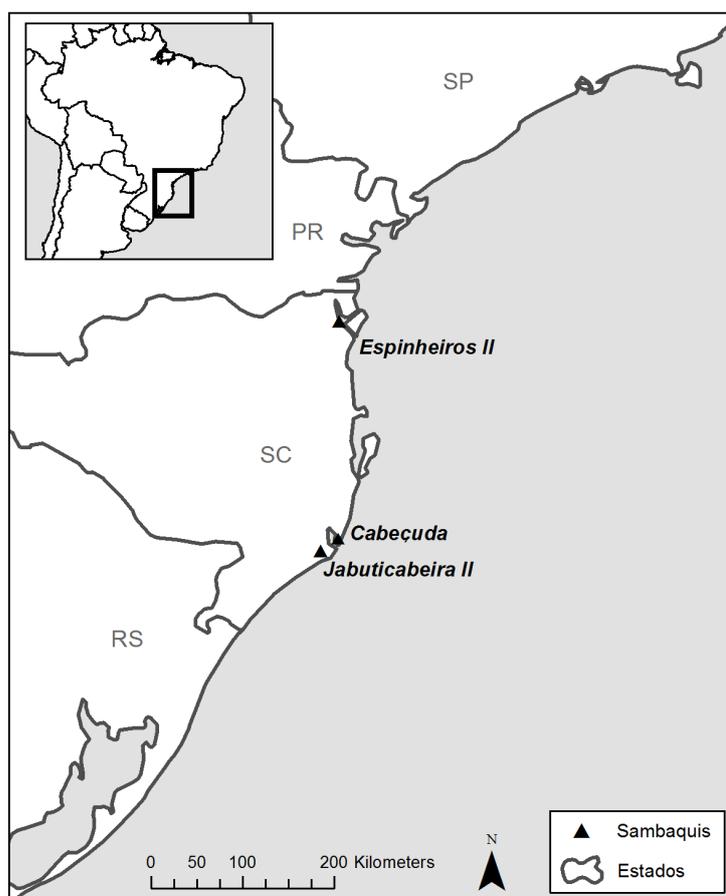


Figura 1: Mapa com localização de sítios mencionados no texto

CONSTRUÇÃO E CONSUMO: OS PAPÉIS SE AMPLIAM

Sepultamentos são recorrentes em sambaquis. Nas regiões sul e sudeste do país pode-se afirmar que a quase totalidade dos sítios contém estruturas funerárias. Estimativas sugerem que alguns sítios contém aproximadamente uma estrutura mortuária a cada 2,5 metros cúbicos. Ou seja, em um cálculo mais conservador, a cada dez metros cúbicos escavados pesquisadores têm a chance de encontrar um sepultamento. Tais estimativas, entretanto são baseadas em amostra pequena, já que poucos sítios têm publicados a totalidade de área escavada e indivíduos sepultados. Também deve-se considerar que existe grande variabilidade na proporção de enterramentos por sítio e a distribuição dos mesmos é desigual ao longo do espaço.

Estudos em sítios localizados nos estados de Santa Catarina e Rio de Janeiro demonstram que alguns sambaquis foram construídos entre 4.000 e 1.200 anos AP através da performance de práticas funerárias, principalmente festins (KLOKLER, 2012; KLOKLER; GASPARG, 2014). A interpretação baseia-se na ausência de estruturas correspondentes a atividades cotidianas e na análise das características dos depósitos. As estruturas identificadas em sítios tais como: Jabuticabeira II, Cabeçuda, Amourins e Sernambetiba (para citar sambaquis com dados mais abrangentes disponíveis) estão recorrentemente associadas a inumações. Ou seja, “pisos”, buracos de estaca, fogueiras, fogões

e concentrações de artefatos, ao invés de demarcar áreas de atividade relacionadas a habitações, na verdade constituem conjuntos relativos exclusivamente a contextos funerários.

A constatação, em grande parte, adveio da utilização de abordagens em campo que utilizam perfis e escavações, desta forma possibilitando aos pesquisadores acesso tridimensional à organização espacial e articulação contextual das distintas estruturas e concentrações de artefatos (GASPAR *et al.* 2013). Análises de formação dos sítios sugerem que as próprias estruturas dos sítios são resultantes de práticas rituais (GASPAR *et al.*, 2013; KLOKLER, 2012; KLOKLER; GASPAR, 2013). Ou seja, as inumações nestes sambaquis ocorrem em espaços construídos para e por atividades rituais.

Festins em Sambaquis

Estudos zooarqueológicos sugerem que os materiais depositados em alguns sítios refletem refeições especiais e não cotidianas conforme a interpretação clássica dedicada aos vestígios faunísticos. Usando valores médios de isótopos de carvão e nitrogênio podemos verificar que membros de Jabuticabeira II e Cabeçuda agrupam-se com sítios que correspondem a grupos que tem dieta baseada no consumo de mamíferos marinhos, tais como grupos de Terra Nova (Canadá), Ushuaia (Argentina) e Califórnia (EUA). Vestígios de mamíferos marinhos não são recuperados em quantidade que evidencie sua importância na dieta e a maioria dos peixes destes sítios representa níveis tróficos mais baixos, sugerindo que a fauna de ambos os sítios não refletem a dieta cotidiana, mas sim vestígios de refeições extraordinárias.

A composição das distintas camadas, modo de deposição do material e processamento diferencial dos vestígios possibilitam interpretar os componentes faunísticos de alguns sambaquis como recursos consumidos durante banquetes celebrativos, reforçando a concepção dos componentes dos sítios como alimentos cerimoniais (KLOKLER, 2014).

Com base nas discussões precedentes pesquisadores finalmente percebem a importância simbólica de animais para os sambaqueiros. Alguns animais eram especialmente selecionados para festins funerários e comemorativos, como oferendas, e para a construção de memoriais para os mortos.

A mudança de perspectiva no entendimento da construção destes sítios forçou pesquisadores a repensarem a antiga percepção normativa de vestígios animais, desafiando a ideia de que esqueletos de peixes (e os ocasionais vestígios de aves, mamíferos e répteis) e conchas de moluscos recuperados em sambaquis eram simplesmente refugos alimentares acumulados de forma aleatória.

Mudanças nas perspectivas de estudos em zooarqueologia salientam a necessidade de mais atenção nas nuances na presença e significados dos vestígios não-modificados e incluem noções interpretativas que afastam-se de modelos econômico-ecológicos que simplesmente ignoram várias facetas do comportamento humano e sua ligação com os animais (RUSSELL 2011).

As espécies de peixes mais comumente identificadas em contextos associados a festins são corvina (*Micropogonias furnieri*) e bagre (*Genidens* sp); peixes caracteristicamente estuarinos. Ambos claramente dominam as amostras dos depósitos funerários dos grandes sítios identificados como cemitérios nas regiões sul e sudeste. As maiores fontes de proteínas dos festins funerários realizados em Jabuticabeira II e Amourins, por exemplo, foram estes peixes.

De maneira geral essas e outras espécies estuarinas dominam os depósitos. Peixes em geral ocorrem em frequências similares em todas as amostras dos sítios, tanto em contextos de festins funerários quanto comemorativos. Os últimos estão associados às camadas conchíferas, ou seja, camadas cuja composição é predominantemente de conchas de bivalve, pouco fragmentadas, com ausência de estruturas, sem sepultamentos e baixo grau de queima dos componentes (Figura 2).



Figura 2: Detalhe de camada “conchífera” no sítio Cabeçada (foto da autora)

A análise de diversas áreas funerárias demonstra também diferenças nas quantidades de comida servidas durante os eventos, estando provavelmente relacionadas à riqueza ou facilidade de acesso aos diferentes recursos, das famílias ou grupo de afinidade promovendo o festim.

Esta seleção de menu para as festas é muito distinta das hipóteses mais aceitas em trabalhos sobre festins. De fato, é praticamente oposta ao que nos apresenta os estudos mais conhecidos na temática (HAYDEN; VILLENEUVE 2011). Usualmente banquetes, principalmente aqueles relacionados a rituais mortuários, incorporam itens alimentícios raros, exóticos ou de luxo. Esses recursos são considerados como tais pela dificuldade em encontrá-los, capturá-los e/ou processá-los. No caso dos festins realizados em sambaquis temos um panorama bem distinto. Os dados arrolados até o momento sugerem o uso de itens faunísticos que poderiam ser encontrados e processados facilmente e capturados nas proximidades dos sítios.

Esta divergência pode ser explicada por uma analogia com canapés ou alimentos servidos em eventos comemorativos que são apresentados em formas diferenciadas. Nestes casos, itens considerados comuns são apresentados de forma distinta. Uma das opções mais usuais diz respeito à quantidade: um alimento regular, quando apresenta-

do em porções de maior porte, passa a ter um significado distinto, como por exemplo, sanduíches de metro, que são somente servidos em momentos festivos e deixam de ser vistos como opção de refeição rápida. Um bolo de casamento é essencialmente composto com os mesmos ingredientes de um bolo comum, porém é decorado de forma a demonstrar seu caráter celebrativo. De maneira similar, outras formas de modificar a apresentação de alimentos podem ter sido utilizadas no passado.

Avançando a noção da importância ritual de peixes comuns, ou “peixes do gato”, como pescadores atuais da região de Laguna chamam espécies como corvina e bagre de acordo com pesquisa de MaDu Gaspar (GASPAR *et al.*, 2011), apresentamos o caso dos otólitos¹ de Jabuticabeira II.

Em 5 sepultamentos de Jabuticabeira II encontramos mais de 100 otólitos em covas. Um dos indivíduos possuía mais de 500 otólitos depositados com o corpo. A cova era somente suficiente para acomodar o indivíduo, portanto pode-se supor que estes elementos foram depositados separadamente do resto dos neurocrânios dos peixes. A maior presença de otólitos em fogueiras rituais e covas ao longo do sítio e o tratamento diferenciado com maior grau de queima que outros elementos apoiam a ideia de que os mesmos tinham uso ou significado particular para estas sociedades pescadoras-coletoras.

Há 4000 anos otólitos são considerados detentores de poderes mágicos e curativos (KLOKLER, 2016). Várias comunidades tradicionais de pescadores utilizam otólitos como proteção ou para prever o tempo. No Brasil são conhecidos como remédio contra problemas nos rins. Outra possibilidade é do uso de otólitos como instrumentos facilitadores para a pesca, tal qual encontrado em comunidades pesqueiras através do uso de bulas timpânicas de cetáceos (MCNIVEN, 2010).

Tais exemplos fazem-nos reconsiderar a importância de táxons supostamente comuns e nos leva a repensar o papel dos moluscos em sítios conchíferos.

Cardápios Distintos

A *Anomalocardia brasiliiana*, conhecida popularmente como berbigão, é o elemento dominante na composição de sambaquis de grande porte. Atualmente muitos pescadores tradicionais e suas famílias tanto no sul quanto no nordeste do país coletam esta espécie para consumo próprio e/ou para utilização como isca, e algumas comunidades se especializam na coleta em grandes quantidades para mercados. Em Santa Catarina as conchas desses moluscos bivalves são exploradas em larga escala para fabricação de ração para animais e são frequentemente vendidas por coletores tradicionais como material para aterros. De fato, o uso do berbigão como matéria-prima para acumulação e construção de estruturas tem longa temporalidade na região.

Figuti e Klokler argumentam em 1996 que a maioria dos moluscos encontrados em sambaquis foi coletada com propósito de construção. A resistência das conchas, disponibilidade e facilidade de captura de moluscos - seres sésseis e que se reproduzem com rapidez – e finalmente a permeabilidade da matriz dos sítios composta por valvas explicariam a seleção de tais recursos faunísticos como material construtivo, ao invés do material geralmente mais usado em construções pré-coloniais como terra/sedimento, tal qual vimos em montículos, aterros, cerritos e *tells* para citar alguns exemplos.

Entretanto, é possível sugerir que a seleção de conchas de moluscos para construção de sambaquis ocorreu pelo reconhecimento destes animais, e especifica-

mente do berbigão como possuidor de significado simbólico. O papel deste molusco para a sociedade sambaqueira era mais nuançado que simplesmente atuando e sendo apreciado como fonte de nutrientes. Ou ainda como matéria-prima de construção baseada nas características físicas de suas valvas. É importante lembrar que berbigões são uma ótima fonte de proteína e minerais, porém fornecem poucas calorias e lipídios (AVEIRO 2007). Esta espécie também tem baixo retorno ao pensar-se na quantidade de carne disponível em cada indivíduo. Adicionalmente, ostras (*Crassostrea sp.* e *Ostrea sp.*) e lucinas (*Lucina pectinata*) por exemplo, são bivalves com conchas mais volumosas e resistentes a quebras, sendo provavelmente mais adequadas como material construtivo caso esta fosse a motivação principal para seleção destes bivalves. Estes dois exemplos também fornecem maior quantidade de carne por indivíduo, sendo portanto mais interessantes se temos como foco a razão entre energia dispendida e a energia ganha.

Apesar de que no passado tenha me concentrado nos festins funerários com menus centrados em peixes (KLOKLER, 2012, 2014), não seria prudente esquecer da probabilidade que as camadas dominadas por conchas em sambaquis funerários também representem vestígios de banquetes. Em pesquisas em sítios monticulares do período Arcaico nos EUA diversos autores reconhecem festins realizados majoritariamente com moluscos (CLAASSEN, 2010; LUBY; GRUBER, 1999).

Arqueólogos identificam o poder simbólico de gastrópodes e bivalves na iconografia, em adornos ou em oferendas em diversas culturas. Os gastrópodes da família Cypraeidae (conhecidos popularmente no Brasil como búzios) faziam parte do mundo simbólico de populações costeiras do sul da Califórnia (KOERPER, 2001), enquanto conchas eram consideradas na simbologia maia como mediadoras entre os três planos do universo (inframundo, terrestre e celeste) (MALBRAN, 2013).

Em suma, conchas de bivalves e gastrópodes têm significados simbólicos associados a divindade, profecia, realeza, música, imortalidade, morte, longevidade, fertilidade, entre outros. E como seria de se esperar conchas possuem papel especial para navegadores; de acordo com Kopaliński (2007) seriam amuletos e garantiriam boas viagens. A ligação de moluscos com ambientes aquáticos pode ter garantido a atenção de grupos sambaqueiros para aspectos não-nutricionais de bivalves e gastrópodes.

Dentro desta perspectiva, conchas de moluscos, particularmente de berbigões, representariam mais do que materiais de construção, acumulados para fechar áreas de sepultamento e aumentar a estrutura funerária, mas sim corresponderiam a resíduos de banquetes mortuários. Sugere-se que moluscos tenham sido o prato principal de festins comemorativos, ou seja, eventos que ocorrem longos períodos (meses ou anos) após o enterro dos mortos quando ocorreriam os festins funerários.

Existem exemplos de sociedades que mantém longos rituais funerários nos quais são organizados festins em diferentes momentos. Tais eventos são distintos em sua temporalidade, escala e, em muitos casos, cardápio. Grupos Kaingang, por exemplo, incluem dois momentos de celebração dos mortos nos quais são feitos banquetes: *Kiki* e *Veingréinyã*. O primeiro ocorre aproximadamente 8 dias após a morte enquanto o segundo é um evento anual, em homenagem a todos os mortos, celebrado entre os meses de abril e junho (KLOKLER, 2012).

27 Propõe-se que em sambaquis temos situação semelhante, ou seja, os festins elaborados com um cardápio dominado por peixes seriam aqueles celebrados após o

enterramento dos indivíduos, visto que os depósitos contendo esses vestígios estão diretamente associados aos corpos. Já as camadas de maior porte, com predominância quase absoluta de conchas seriam correspondentes a festins realizados em momentos mais tardios. Nestes banquetes o papel de peixes era minimizado enquanto o consumo de bivalves como berbigões seria de importância central.

O uso de moluscos para festins e matéria-prima para a construção de estruturas rituais não deve, portanto, causar surpresa. Também nota-se que moluscos foram itens constantes nos menus mais importantes dos festins comemorativos no início da ocupação e aos poucos, principalmente após 2000 AP perderam o prestígio.

“A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA”

Em Jabuticabeira II, Amourins e Cabeçada foi possível distinguir associações sutis de animais que foram ignoradas no passado, tais como pilhas de lucinas, concentração de ossos de mamíferos, peixes inteiros ao lado de covas, esqueletos articulados de aves em associação a sepultamentos, neurocrânios completos de bagres, e lucinas fechadas com surpresas em seus interiores, como ossos de peixes e mesmo esqueletos completos de pequenos peixes. A deposição diferenciada desses animais, todos associados a contextos funerários, sugerem seu papel no mundo simbólico.

Enquanto peixes e moluscos são o foco de atenção em estudos de sambaquis, outros táxons também estão presentes em depósitos nos sítios. As quantidades limitadas destes táxons parecem estar acompanhadas por menor dedicação dos pesquisadores sobre eles². Mamíferos, aves, répteis e mais raramente anfíbios, são usualmente recuperados em associação com covas e são tipicamente considerados oferendas.

Em Jabuticabeira II, quantidades de táxons menos comuns variam grandemente nas camadas funerárias. Os diferentes grupos de afinidade³ poderiam estar associados com animais ou grupos de animais específicos, e tais associações relacionadas a clãs, atividades econômicas ou prestígio.

Distintos pesquisadores intentaram discutir a presença de diferenciação social entre sambaquieiros usando como base a associação de sepultamentos com artefatos. Vestígios de animais, como os restos de festins, as oferendas, enfim, elementos modificados ou não, diretamente associados com covas ou não, parecem fornecer uma abordagem mais robusta e bem sucedida para avaliar diferenciação entre os indivíduos destas populações.

Indicações mais óbvias da importância simbólica de animais para grupos sambaquieiros são os zoólitos (Figura 3). Essa parafernália ritual é rara e infelizmente em sua maior parte não foi recuperada por arqueólogos, mas sim durante o desmonte comercial de sítios. Muitos exemplares permanecem em coleções particulares. Até o momento aproximadamente 240 esculturas foram recuperadas, e cerca de 40 sítios as continham.

Zoólitos apresentam uma concavidade, geralmente na face ventral, e mais raramente na face lateral. A concavidade sugere o uso como recipiente ou como superfície para preparação de alguma substância em ocasiões especiais. Até o momento, existem poucas evidências sobre a natureza das substâncias preparadas. Em dois zoólitos foram identificados traços de ocre. Como a quase totalidade foi submetida a procedimentos de limpeza da superfície côncava, testes para identificar resíduos de materiais orgânicos ou inorgânicos não foram realizados com sucesso nas peças.

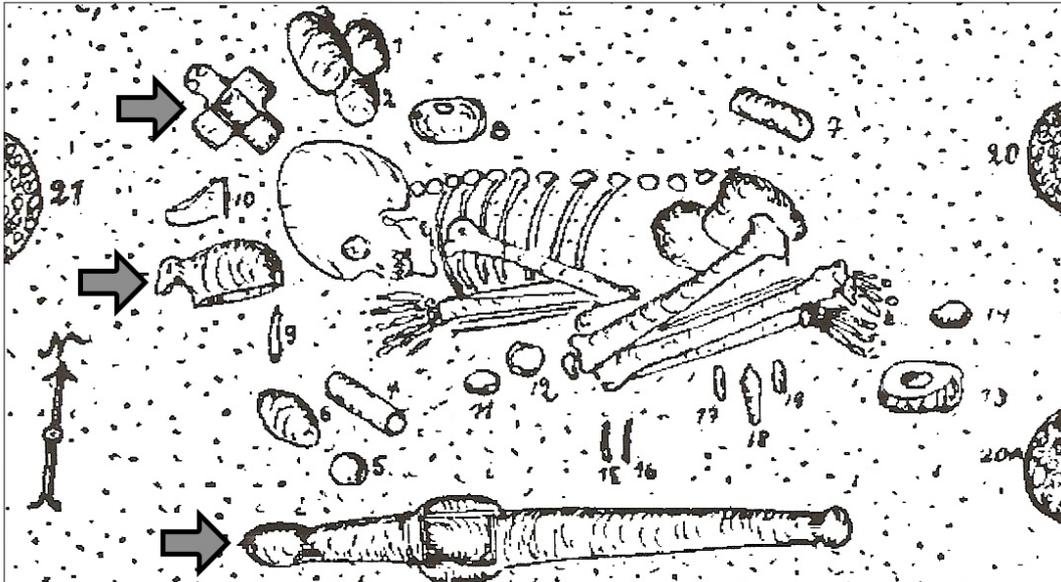
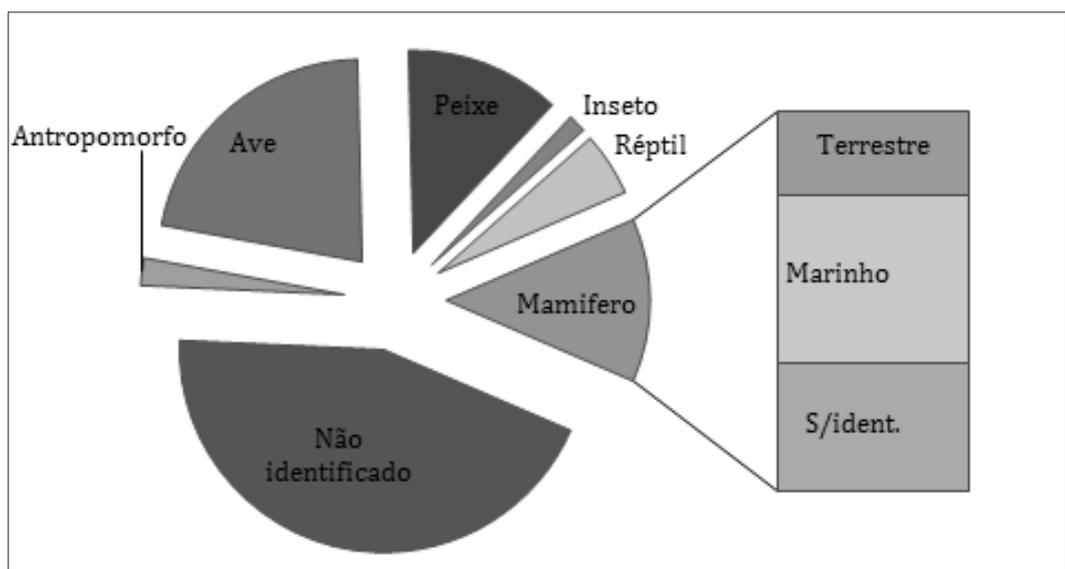


Figura 3. Croqui do sepultamento 10 do sambaqui Morro do Ouro com três zoólitos (indicados por setas). Modificado de Tiburtius; Bigarella (1960)

A maioria dos estudos arqueológicos efetuados até o momento foca no processo de manufatura e aspectos estilísticos dos zoólitos, ou centram-se na identificação taxonômica dos animais representados. As possíveis associações destas esculturas e suas representações em contextos rituais/mundo ritual somente foram superficialmente aludidas.

Entretanto pudemos observar coincidências e ausências em relação aos animais reproduzidos em pedra e osso. Peixes, mamíferos terrestres e marinhos, aves, e répteis foram representados em zoólitos (Figura 3), mas não encontram-se moluscos ou crustáceos. As representações mais comuns são de aves (22%), seguidas por mamíferos (16%), peixes (12%) e répteis (5%) (Figura 4) (GOMES, 2012), infelizmente metade das representações não puderam ser identificadas de maneira inequívoca.



29 Figura 4: Representações em zoólitos (n=138) (com base em Gomes 2012)

Interessantemente, se bem que não surpreendentemente, animais aquáticos são geralmente reproduzidos de forma mais detalhada, cuidadosa. Eles são produzidos com grande detalhe e em alguns casos espécies e mesmo sexo podem ser identificados (GONZALES; MILHEIRA, 2005; PROUS, 1977). Por outro lado, animais terrestres e aves são representados sem atributos claramente reconhecíveis. Em outras palavras são estilizados.

O tempo e esforço dispensados para a representação de recursos aquáticos podem ser interpretados como indicação da grande influência desses animais na vida cotidiana e sagrada dos sambaquieiros. Na tabela abaixo estão incluídos os animais que poderiam ser identificados com maior exatidão por pesquisadores.

Tabela 1: Animais representados em zoólitos (a partir de Gomes 2012; Gonzales e Milheira, 2005; Prous, 1977)

Peixes	Tubarão branco (<i>Carcharodon carcharias</i>)
	Tubarão martelo
	Sargo-de-dente (<i>Archosargus probatocephalus</i>)
	Anchova (<i>Pomatomus saltatrix</i>)
	Enxada/Paru (<i>Chaetodipterus faber</i>)
	Tainha (<i>Mugil</i> sp.)
	Ostraciontidae
	Cichlidae
	Anostomidae
	Uranoscopidae
Sparidae	
Mamíferos	Golfinho
	Morcego
	Tartaruga marinha
	Tatú
	Jaboti
	Tamanduá
	Cotia
Quati	
Aves	Albatroz
	Urubu
	Alcedinidae

Como esperado, a grande maioria dos táxons esculpidos pelos sambaquieiros foram também recuperados de contextos funerários, usados no cardápio de festins (sargo de dente, anchova, tainha, robalo) e depositados como oferendas (tartarugas, golfinhos, tatús, pacas). Até o momento não foi possível estabelecer correlações explícitas entre cer-

tos animais e sexo e/ou idade dos indivíduos aos quais estão associados. Porém, em Jabuticabeira II existem indícios de que a associação de certos táxons esteja ligada aos grupos de afinidade e indivíduos, e não necessariamente a categorias como idade e sexo.

Como exemplo pode-se citar o caso das áreas funerárias 2.30.8 onde foram encontrados esqueletos quase completos (e em conexão) de aves e 2.15.13 (figura 5) na qual foram identificados esqueletos completos de peixes associados a sepultamentos e onde um indivíduo (41) foi inumado com oferendas de ao menos 6 mamíferos e uma ave.

A ausência de quaisquer representações de moluscos é notável, devido ao fato destes sítios terem sido construídos majoritariamente com moluscos. Tal ausência poderia implicitamente indicar o papel secundário de moluscos em rituais. Por outro lado, talvez a importância dos mesmos estaria evidente através de seu uso em festivais sazonais e para construção de estruturas massivas, e com isso estaria removida a necessidade de representá-los em zoólitos. Dessa forma a própria estrutura representaria a deferência de sambaquieiros aos moluscos. Ou talvez o papel de moluscos fosse distinto de outros animais e portanto sua representação não seria requerida. O mesmo poderia ser pensado acerca de corvinas e bagres, peixes importantes em festins funerários, mas não encontrados em zoólitos. Novas reflexões baseadas em estudos com esses artefatos certamente responderão tais questões.

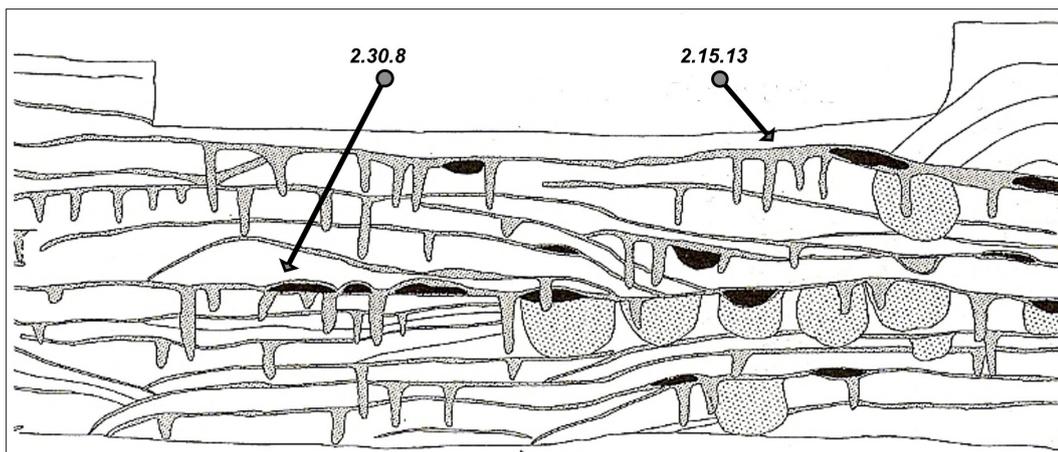


Figura 5. Porção de perfil do sítio Jabuticabeira II (Locus 2) com indicação de duas áreas funerárias

Diante do exposto torna-se premente que a pesquisa em sambaquis afaste-se do discurso econômico unilinear. Festins com corvinas, bagres e moluscos envolvem recursos aos quais muitos membros das comunidades teriam acesso, entretanto isso não significa que fossem desprovidos de importância para estes grupos. Festins funerários muitas vezes têm caráter competitivo e podem criar débitos da parte dos convidados. No caso de sambaquis, ao que tudo indica tais eventos aumentaram a coesão da comunidade, laços de cooperação e solidariedade social.

É necessário aprofundar mais as pesquisas nesta temática visto que são pouquíssimos os exemplos de festins em sociedades caadoras-coletoras. A revisão a coleções faunísticas e incorporação de amostragens específicas para contextos considerados rituais em sambaquis são essenciais para o avanço dos estudos sobre as relações entre estas populações e animais, e o papel dos últimos em diversas práticas cotidianas e rituais.

PEIXES, E MOLUSCOS, SÃO BONS PARA A MEMÓRIA

A associação entre alimentos e a morte é comum, e segundo alguns pesquisadores comer e digerir são metáforas para a morte (HAMILAKIS, 1998). O ato de consumir alimentos de forma comunitária em eventos mortuários pode adquirir então um caráter de incorporação dos participantes dos banquetes ao grupo. Dessa forma a elaboração de refeições comunais em homenagem a membros falecidos transforma-se em momento de verdadeira renovação da comunidade. Tais práticas rituais seriam atividades mnemônicas servindo para reafirmação de pertencimentos, conexões entre os membros das comunidades e entre os mesmos e o ambiente.

Hamilakis (2008) explicita como festins transformam-se em poderosos instrumentos mnemônicos por suas características intrínsecas: interação com maior grupo de pessoas, o distintivo momento de celebração, consumo de alimentos diferenciados, uso de espaço não-convencionais, entre outros. Tais aspectos servem para tornar estes eventos verdadeiros produtores e reprodutores de memória. Em 2009, pesquisadores já salientavam a teatralidade das atividades rituais funerárias elaboradas em Jabuticabeira II (KLOKLER *et al.*, 2009) e o impacto na formação de uma paisagem ancestral com a construção de montículos.

Sambaquis foram construídos para serem vistos a partir da água, de embarcações e de outros sítios. Os grandes montículos reafirmam a mensagem que seus ancestrais residem nestas estruturas e são os soberanos da região. Sambaquis memorializam territorialidades, tradição e ligações ancestrais, personificam uma ponte entre o mundo dos vivos e dos mortos, entre mar e terra, e os vestígios animais contidos e formadores destas estruturas foram os transmissores destas mensagens tão importantes.

A acumulação e subsequente deposição recorrente de refugos de festins, materiais especialmente carregados de significados, já que utilizados em eventos ritualmente ricos, também informaram vizinhos e membros da comunidade da ancestralidade do domínio desta paisagem marítima. Os montículos claramente comunicavam a mensagem de dominação destas comunidades de pescadores em certas partes da costa e estuários associados. Ou seja, verdadeiros instrumentos mnemônicos produzindo memória compartilhada dentro de uma comunidade.

ANIMAL FOR ANY WORK: RITUAL FAUNA IN SAMBAQUIS

Abstract: research about the ritual practices of sambaqui populations witnessed advances in the last 15 years, development also felt in studies about shell mounds in other countries. Changes in the theoretical perspectives greatly impacted the comprehension of the relationships between fisher-gatherer communities and the animal world. Now it is not possible to consider sambaquis' faunal deposits as the consequence of random accumulations of refuse, but corresponding to episodic, coordinated depositions done simultaneously to funerary ritual activities. Analyses suggest the important role of aquatic resources in the funerary ritual and their association with symbolism. Zooarchaeological studies were essential to generate data to understand ritual behavior of these coastal populations.

Keywords: *Shell mounds. Social Zooarchaeology. Ritual.*

Notas

- 1 Otólitos são concreções de aragonita localizadas nos neurocrânios de peixes.
- 2 Com exceção dos trabalhos de Pedro Volkmer e Jéssica Cardoso.
- 3 Acredita-se que em Jabuticabeira II as áreas funerárias encerram membros de grupos de afinidade, ou seja, pessoas que pertencem a unidades sociais que podem ser organizadas de diferentes formas: laços de parentesco, de atividade, espaciais, etc.

Referências

- AFONSO, Marisa; DEBLASIS, Paulo. Aspectos da formação de um grande sambaqui: alguns indicadores em Espinheiros II. Joinville. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 4, p. 21-30, 1994.
- AVEIRO, Mariana. *Análise nutricional, microbiológica e histológica do berbigão Anomalocardia brasiliana da reserva extrativista marinha do Pirajubaé (REMAPI), Florianópolis-SC*. Dissertação de Mestrado. UFSC, Santa Catarina, 2007.
- BLAKE, Emma. The material expression of cult, ritual, and feasting. In: E. BLAKE; A. BERNARD. *The archaeology of Mediterranean prehistory*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- CLAASSEN, Cheryl. *Feasting with shellfish in the Southern Ohio Valley: archaic sacred sites and rituals*. Knoxville: University of Tennessee Press, 2010.
- FIGUTI, Levy. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquianos, *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, USP, v. 3, p. 67-80, 1993.
- FIGUTI, Levy; KLOKLER, Daniela. Resultados preliminares dos vestígios zooarqueológicos do sambaqui Espinheiros II (Joinville, SC), *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, USP, v. 6, p. 169-187, 1996.
- FISH, Suzanne; DEBLASIS, Paulo; GASPAR, Maria Dulce; FISH, Paul. Eventos incrementais na construção de sambaquis, litoral Sul do Estado de Santa Catarina. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, USP, v.10, p.69-87, 2000.
- GASPAR, MaDu, KLOKLER, Daniela; DEBLASIS, Paulo. Traditional fishing, mollusk gathering, and the shell mound builders of Santa Catarina, Brazil. *Journal of Ethnobiology*, Tacoma, v. 31, n. 2, p.188-21, 2011.
- GASPAR, MaDu, KLOKLER, Daniela; DEBLASIS, Paulo. Were sambaqui people buried in the trash? Archaeology, physical anthropology, and the evolution of the Interpretation of Brazilian shell mounds. In: ROKSANDIC, M., SOUZA, S. Mendonça de, EGGERS, S., BURCELL, M., e KLOKLER, D. (eds). *The cultural dynamics of shell middens and shell mounds: a worldwide perspective*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2013, p. 91-100.
- GASPAR, MaDu, KLOKLER, Daniela; BIANCHINI, Gina. Arqueologia estratégica: abordagens para o estudo da totalidade e construção de sítios monticulares. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 8, n.3, p. 517-533, 2014.
- GOMES, Angela. *Perspectivas interpretativas no estudo das esculturas zoomórficas pré-coloniais do litoral Sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Curitiba, UFPR, 2012.
- GONZALES, Manoel; MILHEIRA, Rafael. Reinterpretando o zoomorfo de tubarão da Coleção Carla Rosane Duarte Costa. *Cadernos do LEPAARQ*. Pelotas, v.2, n. 4, p. 85-97, 2005.

- HAMILAKIS, Yannis. Eating the dead: mortuary feasting and the politics of memory in the Aegean bronze age societies. In: BRANIGAN, K. *Cemetery and society in the Aegean bronze age*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998, p.115-132.
- HAMILAKIS, Yannis. Time, performance, and the production of a mnemonic record: from feasting to an archaeology of eating and drinking. In: HITCHCOCK, Louise A, LAFFINEUR, Robert; CROWLEY, Janice (eds.) *Dais: The Aegean Feast*. Liege: Belgium, 2008, p. 3-20.
- HAYDEN, Brian; VILLENEUVE, Suzanne. A century of feasting studies. *Annual Review of Anthropology*, v. 40, p. 433-453, 2011.
- KLOKLER, Daniela. *Construindo ou Deixando um Sambaqui? Análise de Sedimentos. Região de Laguna – SC*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.
- KLOKLER, Daniela. *Food for Body and Soul: Mortuary Ritual in Shell Mounds (Laguna – Brazil)*. Tese de Doutorado em Antropologia (Department of Anthropology), University of Arizona, Tucson. 2008.
- KLOKLER, Daniela. Consumo ritual, consumo no ritual: festins funerários e sambaquis. *Revista Habitus*, Goiânia, PUC Goiás, v. 10, n. 1, p. 83-104, 2012.
- KLOKLER, Daniela. A ritually constructed shell mound: feasting at the Jabuticabeira II Site. In Roksandic, M., Souza, S., Eggers, S, Burcell, M. e Klokler, D. (Org.) *The cultural dynamics of shell middens and shell mounds: a worldwide perspective*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2014, p. 151-162.
- KLOKLER, Daniela. Otólitos, para que te quero?. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, USP, v. 29, n. 1, p. 3-17, 2016.
- KLOKLER, Daniela; GASPAR, MaDu. Há uma estrutura funerária em meu sambaqui..., esse sambaqui é uma estrutura funerária! In: Gaspar, M. e Souza, S. (eds.) *Abordagens em Sambaquis*, Erechin: Editora Habilis, 2013, p. 109-126.
- KOERPER, H. Cowry shells: fertility/fecundity Symbols in Southern California Iconography. *Journal of California and Great Basin Anthropology*, v. 23, n. 1, Banning, p. 27-38, 2001.
- KOPALIŃSKI, Wladislaw, *Slownik symboli*. Rytm: Oficyna Wydawnicza. 2007.
- LUBY, Edward; GRUBER, Mark The dead must be fed: symbolic meanings of the shellmounds of the San Francisco Bay Area. *Cambridge Archaeological Journal*, Cambridge, Cambridge University Press, v. 9, n.1, p. 95-108, 1999.
- MALBRAN, America El simbolismo de la concha entre los Mayas. *Revista Digital Universitária*, London, v.14, n. 5, p. 2-14, 2013.
- MCNIVEN, Ian. Navigating the human-animal divide: marine mammal hunters and rituals of sensory allurements. *World Archaeology*, v. 42, n.2, p. 215-230, 2010.
- MORRIS, James Animal 'ritual' killing: from remains to meanings. In: A, Pluskowski (ed) *The ritual killing and burials of animals: European perspectives*. Oxford, 2011, p. 8-21.
- PROUS, Andre. Les sculptures zoomorphes du sud Brésilien et de l'Uruguay. *Cahiers d'archéologie d'Amérique du Sud*, 5, Paris, 1977.
- RUSSELL, Nerissa. *Social zooarchaeology: humans and animals in prehistory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.